

En Alex C. Vasconcelos y Alexandre Elias da Silva, *História Viva: reflexões e conexões com o tempo*. Formiga (Brasil): Real Conhecer.

Golpes, nacionalizações e projeto nacional: a Bolívia nos jornais brasileiros na década de 1950.

SILVA, Alexandre Elias da.

Cita:

SILVA, Alexandre Elias da (2024). *Golpes, nacionalizações e projeto nacional: a Bolívia nos jornais brasileiros na década de 1950*. En Alex C. Vasconcelos y Alexandre Elias da Silva *História Viva: reflexões e conexões com o tempo*. Formiga (Brasil): Real Conhecer.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/alexandre.elias.da.silva/2>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/peVC/UYc>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

História

Viva

Reflexões e
Conexões
do Tempo

Alex Conceição Vasconcelos da Silva
Alexandre Elias da Silva
Charlene de Souza Oliveira
Fabiana Maria S. S. Vilar Alvez
Guilherme Esteves Galvão Lopes



Editora
REALCONHECER

© 2024 – Editora Real Conhecer

editora.realconhecer.com.br

realconhecer@gmail.com

Autores

Alex Conceição Vasconcelos da Silva

Alexandre Elias da Silva

Charlene de Souza Oliveira

Fabiana Maria S. S. Vilar Alvez

Guilherme Esteves Galvão Lopes

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editores e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Real Conhecer

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586h História Viva: Reflexões e Conexões do Tempo
/ Alex Conceição Vasconcelos da Silva, Alexandre Elias da Silva,
Charlene de Souza Oliveira, et al. – Formiga (MG): Editora Real
Conhecer, 2024. 67 p. : il.

Outros autores:
Fabiana Maria S. S. Vilar Alvez, Guilherme Esteves Galvão Lopes

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84525-85-6
DOI: 10.5281/zenodo.10570436

1. História. 2. História geral – Estudo e ensino. 3. História do Brasil. 4.
História Mundial. I. Silva, Alex Conceição Vasconcelos da. II. Silva, Alexandre
Elias da. III. Oliveira, Charlene de Souza. II. Título.

CDD: 907
CDU: 93

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins
comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Real Conhecer
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
editora.realconhecer.com.br
realconhecer@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
[https://editora.realconhecer.com.br/2024/01/historia-viva-
reflexoes-e-conexoes-do.html](https://editora.realconhecer.com.br/2024/01/historia-viva-reflexoes-e-conexoes-do.html)



AUTORES

ALEX CONCEIÇÃO VASCONCELOS DA SILVA

ALEXANDRE ELIAS DA SILVA

CHARLENE DE SOUZA OLIVEIRA

FABIANA MARIA S. S. VILAR ALVEZ

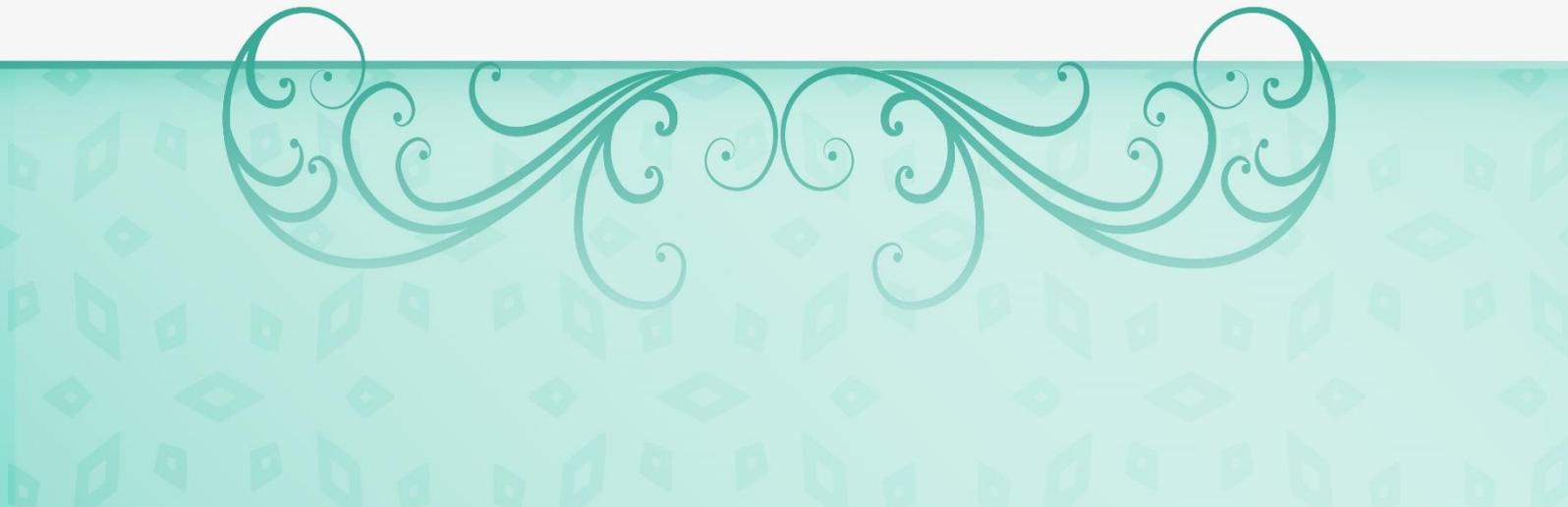
GUILHERME ESTEVES GALVÃO LOPES

SUMÁRIO

Capítulo 1 GOLPES, NACIONALIZAÇÕES E PROJETO NACIONAL: A BOLÍVIA NOS JORNAIS BRASILEIROS DURANTE A DÉCADA DE 1950 Alexandre Elias da Silva	8
<hr/>	
Capítulo 2 A REPRESENTAÇÃO DOS NEGROS NO CINEMA BRASILEIRO: ANÁLISE CRÍTICA DOS FILMES “INDEPENDÊNCIA OU MORTE”, “XICA DA SILVA” E “O AUTO DA COMPADECIDA” Alex Conceição Vasconcelos da Silva Guilherme Esteves Galvão Lopes	24
<hr/>	
Capítulo 3 FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONALIDADE NO CAMPO DA EDUCAÇÃO: UM NOVO CAMINHO PARA A CIDADANIA Charlene de Souza Oliveira Fabiana Maria S. S. Vilar Alvez	46
<hr/>	
Autores	66



Capítulo 1
***GOLPES, NACIONALIZAÇÕES E PROJETO
NACIONAL: A BOLÍVIA NOS JORNAIS
BRASILEIROS DURANTE A DÉCADA DE
1950***
Alexandre Elias da Silva





GOLPES, NACIONALIZAÇÕES E PROJETO NACIONAL: A BOLÍVIA NOS JORNAIS BRASILEIROS DURANTE A DÉCADA DE 1950

Alexandre Elias da Silva

Professor de História do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé (IFF Macaé), Mestre em História (UFF), doutorando em História (UERJ).

E-mail: aeliasiff@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente texto é analisar como as mudanças ocorridas na Bolívia durante os primeiros anos da década de 1950 foram noticiadas em jornais brasileiros. As turbulências do período denotam uma sociedade em transformação, buscando participação política nos rumos do país a partir da emergência de movimentos sociais e políticos que almejavam protagonismo. Nesse sentido, examinamos os acervos *on-line* dos periódicos O Globo (RJ), Correio da Manhã (RJ), Folha da Manhã (SP) e O Estado de São Paulo (SP). A escolha dos periódicos se deveu à influência e abrangência dos mesmos, uma vez que eram diários com grande circulação nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, duas das principais cidades brasileiras da época consideradas centro do poder e economia no país. Outra preocupação do texto é analisar o discurso da mídia, especificamente os jornais diários citados, acerca das transformações levadas a cabo por distintos governos bolivianos que continham medidas de cunho nacionalista, refletindo nos interesses dos EUA naquele país. Em um clima ideológico de embate entre países influentes nessa quadra histórica como os EUA e a URSS, selecionamos episódios que denotam mudanças no tradicional arranjo político e econômico boliviano. Selecionamos para análise três momentos que julgamos representar os conflitos pelos quais se debatiam setores importantes da sociedade boliviana: as disputas em torno dos preços internacionais do estanho, principal riqueza mineral do país à época e principal fornecedor dos EUA; as eleições de 1951, com a vitória do candidato Victor Paz Estenssoro, imediatamente contestada e que deu margem para um golpe militar; a nacionalização do setor minerador estanífero, ocorrida após a Revolução Nacional de 1952,

vista como simpática aos interesses comunistas presentes no governo de Paz Estenssoro.

Palavras-chave: Revolução Nacional Boliviana. Revoluções na América Latina. imprensa periódica.

ABSTRACT

The aim of this text is to analyze how the changes that took place in Bolivia during the early 1950s were reported in Brazilian newspapers. The turbulence of the period shows a society in transformation, seeking political participation in the direction of the country through the emergence of social and political movements that wanted to play a leading role. To this end, we examined the online collections of the newspapers O Globo (RJ), Correio da Manhã (RJ), Folha da Manhã (SP) and O Estado de São Paulo (SP). The choice of periodicals was due to their influence and scope, since they were dailies with a large circulation in the cities of Rio de Janeiro and São Paulo, two of the main Brazilian cities at the time considered to be the center of power and economy in the country. Another concern of the text is to analyze the discourse of the media, specifically the daily newspapers mentioned, about the transformations carried out by different Bolivian governments that contained nationalist measures, reflecting US interests in that country. In an ideological climate of clashes between influential countries such as the USA and the USSR, we selected episodes that denote changes in Bolivia's traditional political and economic arrangements. We have selected for analysis three moments that we believe represent the conflicts in which important sectors of Bolivian society were debating: the disputes surrounding the international prices of tin, the country's main mineral wealth at the time and the main supplier to the US; the 1951 elections, with the victory of candidate Victor Paz Estenssoro, which was immediately contested and led to a military coup; and the nationalization of the tin mining sector, which took place after the 1952 National Revolution and was seen as sympathetic to the communist interests present in Paz Estenssoro's government.

Keywords: Bolivian National Revolution. Latin American revolutions. Periodical press.

A UTILIZAÇÃO DA IMPRENSA COMO FONTE HISTÓRICA

A utilização da imprensa periódica na análise histórica como forma de inferir a opinião pública acerca de determinados assuntos e eventos não é um campo inexplorado, ao contrário, diversos trabalhos acadêmicos procuram utilizar essa técnica para embasar seus estudos (ver AQUINO, 1999; KUSHNIR, 2004; KUCINSKI 2003; CARNEIRO, 2003;

dentre outros). Segundo Tânia de Luca, até a década de 1970 os trabalhos historiográficos que se fundamentavam em fontes periódicas ainda eram de pequena monta, devido à desconfiança para sua utilização seja por seu caráter episódico ou pela afeição de certa historiografia aos documentos oficiais.

Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (LUCA, 2008, p. 112).

A vigorosa renovação da historiografia a partir da década de 1970 no país vai recuperar a tradição oriunda dos *Annales* que, em suas pesquisas, inseriam temáticas com o intuito de provocar o alargamento do horizonte dos historiadores e a interlocução com outras disciplinas das ciências humanas. Jornais, processos judiciais, imagens, manifestações culturais e muitas outras formas de registros da atividade das sociedades humanas foram incorporadas ao fazer historiográfico, compondo um discurso que se distanciava criticamente e procurava problematizar as fontes utilizadas anteriormente como os documentos oficiais e narrativas heroicas. Se tais objetos, fontes e documentos foram incorporados definitivamente ao ofício dos historiadores, seus usos não escapam da necessária avaliação.

A utilização da mídia impressa na pesquisa acadêmica não deve prescindir da crítica aos interesses defendidos pelos grupos midiáticos, bem como suas relações com o poder instituído e a proximidade e/ou afastamentos de governos, grupos econômicos e de agentes do poder. Segundo Maria Helena Capelato “*Desde os seus primórdios, a imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizam e temem; por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais.*” (CAPELATO, 1988, p. 13). A cena da mídia impressa brasileira é marcada pela forte concentração, onde poucas famílias possuem os maiores veículos de informação, acusando praticamente um monopólio das informações que circula no país.

O próprio acesso ao discurso difundido pelas empresas de comunicação, demonstra a intensa desigualdade com que os atores sociais possuem e reverberam a ideologia dos grupos dominantes proprietários dos meios de comunicação. Para Margarethe B. Steinberger, a cobertura do noticiário internacional é marcada pelo subdesenvolvimento informacional (STEINBERGER, 2005) pois a carência de fontes

alternativas impede a compreensão de realidades necessariamente complexas, acarretando a ausência de autonomia cognitiva. Segundo a autora, graças ao seu poder de disseminação de ideologias, a mídia desempenha um papel decisivo na formação e ampliação de consensos.

Na modernidade, a mídia jornalística, pelo seu poder de disseminar informações e multiplicar imagens em grande escala, passa a desempenhar um papel importante na formação de imaginários sociais. Ao transplantar o conceito de Bourdieu de *campo político* para o espaço jornalístico, estamos considerando a hipótese de que a mídia instaura uma espécie de espaço público disputado por atores sociais numa *correlação de forças* que, em princípio, refletiria aquela que existe na realidade social. (STEINBERGER, 2005, p. 164)

A carência de fontes informacionais sobre os países vizinhos da América do Sul ainda hoje abrange a maior parte da população, que acessa as poucas notícias sobre eventos internacionais a partir da televisão e da *web*. É perceptível o privilégio que este meio informacional dá aos países centrais do capitalismo, localizando seus repórteres e correspondentes a partir da lógica de maior veiculação de notícias naqueles países. A América Latina é diretamente atingida por estas escolhas empresariais. Em sua grande maioria, os veículos noticiosos brasileiros não possuem correspondentes em países latino-americanos, com exceção da Argentina. Como resultado, temos o consumo de notícias a partir de traduções de matérias realizadas pelas agências internacionais de mídia, que são grandes conglomerados empresariais que respondem a interesses específicos de seus financiadores.

A desejada ampliação da cobertura jornalística na América do Sul pouco avançou se comparado com a década de 1950. Mesmo com o aumento dos veículos informativos, principalmente a partir da multiplicação do acesso à *web*, identificamos uma tendência à concentração em grupos midiáticos internacionais e a diminuição na publicação de jornais diários, acarretando uma menor pluralidade nessas coberturas.

A Bolívia está inserida nesse cenário de isolamento informacional e isso contribui para o desconhecimento da complexa realidade social boliviana pelos brasileiros. As notícias muitas vezes distorcidas que chegam até nós sobre o país andino atestam uma realidade cercada por golpes militares, pobreza e baixo desenvolvimento das forças produtivas. Apesar da Bolívia possuir um histórico de frequentes golpes militares e insurreições, observamos que as mobilizações do povo boliviano são por diversas vezes negligenciadas pela mídia empresarial. No período abrangido no texto, a cobertura

noticiosa sobre a Bolívia nos periódicos nacionais pesquisados pode ser caracterizada como episódica, tendo escassos relatos sobre turbulências políticas como alvo principal das reportagens ou notas de agências internacionais. Para os propósitos deste texto, considerar-se-á a visão de quatro periódicos brasileiros acerca dos eventos ocorridos na Bolívia desde fins da década de 1940 até os meses posteriores a Revolução de 1952.

Para esse panorama utilizamos os acervos dos jornais *O Globo* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ), *O Estado de São Paulo* (SP) e a *Folha da Manhã* (SP) que estão disponíveis online. Outro fator a ser levado em conta foi a penetração dos veículos na opinião pública, já que tais periódicos alcançavam à época uma grande repercussão devido a sua circulação não só nas principais cidades do país, como também em outras regiões. Pretendeu-se também ampliar o horizonte com visões que, apesar de possuírem muitas proximidades, diferem em alguns aspectos pontuais. A partir de temas sensíveis ao olhar da imprensa e da sociedade civil, como *eleições, soberania nacional, nacionalismo e estatizações de setores produtivos*, pretende-se analisar os reflexos dessas medidas para os leitores brasileiros. Alguns episódios foram selecionados como significativos para ilustrar a ótica da imprensa nacional em relação às disputas e inquietações ocorridas no país andino. As rivalidades com os EUA em torno do preço do estanho em 1951; as eleições de 1951; a tomada de poder pelo grupo político liderado pelo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) em 1952 e os discursos acerca da estatização das minas de estanho realizada pelo governo do MNR em fins de 1952.

AS ELEIÇÕES DE 1951 E O GOLPE MILITAR: NACIONALISMO, COMUNISMO E PODER POLÍTICO

A cobertura das diversas mobilizações ocorridas na Bolívia no período estava inserida em um cenário não menos turbulento, tanto no continente americano, como no resto do mundo. As páginas dos jornais que remetiam às inquietações no país andino cobriam, diversas vezes com maior destaque, conflitos que afligiam outros povos e podem ser enquadrados como resultados das disputas internacionais entre as duas potências da época, EUA e URSS. Na Bolívia, o alinhamento com os Estados Unidos era realidade há algum tempo, devido a dependência do país em relação às exportações de estanho para seu principal parceiro comercial.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a situação econômica boliviana foi muito afetada devido à queda do preço do estanho no mercado internacional e as pressões das empresas mineradoras para não diminuírem sua lucratividade. Não tardou para que o cenário de instabilidade econômica transbordasse para o movimento social organizado. Pelo lado dos trabalhadores, os sindicatos mineiros organizaram greves com a intenção de combater a escalada dos preços e o desemprego, no entanto, estas foram duramente reprimidas. A resposta do governo à crise foi aumentar a repressão contra os sindicatos e os trabalhadores, apostando no confronto como forma de demonstrar força. Para legitimar a repressão, a administração argumenta que sindicatos e federações realizavam atividades conspirativas para desestabilizar o regime.

A economia boliviana dependia estruturalmente dos preços internacionais do estanho que, na década de 1940 representavam cerca de 75% de sua pauta de exportações. Vale ressaltar que o país era o maior produtor do continente americano desse minério e sua exploração era controlada majoritariamente por três empresas que detinham juntas 82% da produção nacional. O poder dos *barões do estanho* (assim eram chamados os três proprietários das maiores empresas mineradoras – Simon Patiño, Maurício Hothschild e Carlos Aramayo) e suas influências no Estado e na burocracia pode ser demonstrado com a baixa incidência de impostos desse setor econômico. Apesar de representar o principal produto de exportação, a cobrança atingia cerca de 3% a 5% do valor exportado, tendo alcançado 13% em determinados momentos. Segundo Everaldo Andrade, “O poderio econômico crescente da grande mineração do estanho tornou o estado boliviano uma caricatura, agência intermediadora entre os grandes capitais gerados pela mineração e o restante da burguesia boliviana” (ANDRADE, 2007, p. 29)

A crise gerada pelos baixos preços do estanho foi notícia em jornais brasileiros. O jornal *O Estado de São Paulo*, em sua seção sobre economia intitulado “Suplemento Comercial e Industrial”, assim reportou as disputas em torno do mercado estanífero e a interferência dos EUA em 1950:

Estanho

Este é um dos raros metais cujas cotações livres puderam ser elevadas. Os preços têm sido extremamente variáveis, pois o precário equilíbrio entre a oferta e a procura ameaça o consumo, a todo instante, com a possibilidade de escassez da matéria-prima. Além disso, trava-se presentemente uma luta entre os consumidores, representados pelos Estados Unidos, e os produtores de estanho, que são Malásia e a Bolívia. Este último país vem resistindo vivamente à pressão norte-americana. Assim é que as negociações entre La Paz e Washington têm perturbado

profundamente os mercados de estanho de Londres e Singapura. Washington mostrou-se disposto a pagar pelo estanho boliviano um preço excepcional de 112 cents por libra, em vez de 103. Mas a Bolívia não ficou satisfeita com a concessão, limitando, assim, as possibilidades de compra a esse preço. (...)

Os Estados Unidos fizeram uso, contudo, de uma outra tática para forçar os produtores: os jornais norte-americanos difundiram largamente, durante a última semana, uma notícia segundo a qual os serviços norte-americanos da defesa nacional teriam encontrado um metal capaz de substituir o estanho em inúmeras aplicações industriais (*O Estado de São Paulo*. São Paulo, 28/09/1951. p.28).

A matéria do jornal *Estado de São Paulo* repercute as pressões exercidas pelo governo dos EUA e as resistências do governo boliviano em relação as oscilações dos preços dos produtos primários. Destaca-se a argumentação da matéria sobre a oferta de compra do estanho por parte dos EUA com a nítida adesão à proposta estadunidense, caracterizada como “excepcional”, mas também citando as táticas não convencionais empregadas pelos norte-americanos na tentativa de baixar os preços do metal. Vale notar que as flutuações neste mercado ainda sentiam o efeito do final da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, o início da Guerra da Coreia em junho de 1950 levou o preço do estanho a novas oscilações. A extrema dependência das rendas estatais oriundas da exportação do minério levou a tensões internas e mobilizações dos mineiros bolivianos. A situação de fins da década de 1940 e início da década seguinte foram cruciais para demonstrar o imenso desgaste do regime de dominação da burguesia e dos setores militares. A sucessão de revoltas, greves, insurreições, golpes e mudanças de governo pode ser entendida como sinal mais decisivo desta crise. Durante o período conhecido como *sexênio* (1946-1952), os rumos políticos do país adquiriram uma velocidade típica de tempos que precedem terremotos políticos.

O presidente Urriolagoitia, através de uma mensagem dirigida à nação, disse que *‘grupos de agitadores, aproveitando as passageiras privações do povo, tentaram consumir uma revolução para nos conduzir à reação totalitária, às experiências comunistas ou à anarquia’*.

Anunciou que o país se encontrava numa encruzilhada, motivada pela crise do estanho provocada por especuladores e contrabandistas. (...) Disse o presidente que os elementos subversivos criaram um clima de exacerbação e violência, mas que o governo, não obstante, defende os direitos dos trabalhadores, aos que pediu que se mantenham serenos e calmos, prometendo-lhes suas justas remunerações mais adiante.

‘Tenho a honra de informar que a Argentina – prosseguiu o presidente – ‘com quem mantemos vínculos de boa vizinhança, ordenou o internamento dos cabeças revolucionários que pretendiam entrar na Bolívia para alterar a ordem’. Referindo-se ao comunismo, Urriolagoitia afirmou que toda a América fará causa comum para combatê-lo. Convidou o povo a lutar

contra a especulação, contra os contrabandistas e pregadores da violência social e terminou assegurando que o perigo da revolução foi conjurado devido as precauções tomadas pelo governo (*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18/03/1950. p. 01).

As agitações políticas presentes na matéria do jornal *Correio da Manhã*, revelam que a elite política boliviana estava temerosa duplamente, pelas manifestações organizadas pelos sindicatos e movimentos políticos. Em resumo, a notícia que estampa a primeira página do jornal, menciona que as agitações sociais eram atribuídas aos trabalhadores organizados pelos sindicatos e movimentos políticos de oposição ao governo do presidente Mamerto Urriolagoitia e que o regime estava trabalhando dentro de suas possibilidades para manter a ordem e repelir os movimentos desestabilizadores. Nota-se que a situação econômica dos trabalhadores, mesmo sendo alvo das palavras do presidente, não mereceu maior aprofundamento na matéria.

O jornal *O Estado de São Paulo* é explícito em sua manchete ao noticiar o golpe de estado em 17/05/1951 que entregou o poder a uma Junta Militar ao invés de realizar a eleição junto ao Parlamento como preconizava a Constituição boliviana:

O Exército assume o poder na Bolívia e anula as eleições.

Urriolagoitia entrega voluntariamente o governo às forças armadas – o golpe visa livrar a Bolívia do totalitarismo representado pela camarilha fascista Paz Estenssoro e por seus aliados comunistas – Decretado o estado de sítio – Serão convocadas em breve novas eleições presidenciais e parlamentares

Declarações do líder fascista boliviano

Em extensa declaração escrita, o dirigente do Movimento Nacionalista Revolucionário, Victor Paz Estenssoro, declarou que ex-presidente Mamerto Urriolagoitia havia entregue ilegalmente o poder a junta militar para impedir que ele ocupasse a presidência daquela república. O poder devia ter sido entregue ao presidente do Congresso, de acordo com a Constituição Boliviana.

A decisão da junta militar anulando as eleições de 6 de maio ‘coloca a camarilha militar fora da lei (*O Estado de São Paulo*, São Paulo. 17/05/1951. p. 01).

Sem rodeios, a matéria de *O Estado de São Paulo*, em primeira página, identifica o líder do MNR Victor Paz Estenssoro, como fascista e aliado aos comunistas. O periódico visa neutralizar e anular os resultados obtidos pelo MNR nas urnas e adotar o discurso da Junta Militar como o mais correto, fugindo assim da polêmica discussão acerca da quebra dos preceitos constitucionais que previam a eleição pelo Parlamento e não a assunção ao poder executivo de uma Junta Militar. Pode-se especular que tais confusões não são fortuitas ou frutos de indigência intelectual dos repórteres e redatores do jornal. O mais

provável é que essa aproximação seja fruto do alinhamento da empresa na disputa ideológica muito peculiar nessa conjuntura. Igualmente na primeira página, o jornal dá destaque para a investida dos comunistas na Guerra da Coreia e sinaliza que as ofensivas lideradas pelos EUA encontravam “tenaz resistência dos comunistas”.

Já o jornal *Correio da Manhã* adota um caminho que visa esclarecer os meandros da legislação eleitoral boliviana e os rumos tomados pelos agentes políticos do momento. A matéria informa que mesmo obtendo vantagem sobre o segundo colocado, o candidato Victor Paz Estenssoro não conseguiu obter a maioria absoluta dos votos como proclamava a norma eleitoral e isso deixaria nas mãos do Congresso boliviano a indicação do próximo presidente. No entanto, o periódico dá destaque para a caracterização dos militares acerca do MNR e seus líderes como simpatizantes do “comunismo” e que o exército deveria “manter a ordem”.

A Junta Militar boliviana anulou os resultados das eleições de 6 de maio e anunciou que convocará oportunamente novas eleições presidenciais e parlamentares. (...)

Nas eleições de 6 de maio, o candidato do Movimento Nacionalista Revolucionário, Victor Paz Estenssoro, (...) obteve uma vantagem de 14.000 votos sobre o candidato governista, Gabriel Gonsalves, mas faltaram-lhe cerca de 8.000 votos para a maioria absoluta estipulada pela constituição. Por isso a sucessão presidencial teria de ser resolvida em agosto, pelo Congresso, onde o partido do governo, Partido da União Republicana Socialista (PURS) detinha a maioria. Não obstante, vários jornais e dirigentes políticos fizeram declarações pelo rádio no sentido de que o Congresso devia eleger Paz Estenssoro, reconhecendo a maioria que este havia obtido nas eleições. (...).

Perigo Comunista

Por seu lado, o Gal. Ovidio Quiroga, comandante em chefe das forças armadas bolivianas, declarou à imprensa o que é a posição do exército nitidamente anticomunista. Disse que “vimos o perigo comunista, o qual foi uma das razões poderosas para que aceitássemos a demissão de Urriolagoitia e encarregássemos o exército do governo” (...) A Junta decretou estado de sítio, prometeu restabelecer “a ordem e a paz” na Bolívia e assegurou que apenas permanecerá no poder por “breve tempo”, entregando o poder “a quem consiga por vias legais (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17/05/1951. p. 01).

O jornal *Folha da Manhã*, dentre os pesquisados, foi o que deu maior destaque para a versão do candidato Victor Paz Estenssoro. O periódico equilibra-se noticiando os pronunciamentos da Junta Militar e publicando seus manifestos. Na matéria, o jornal reporta as considerações de Estenssoro, que faz críticas duras ao presidente Urriolagoitia devido à sua renúncia:

O sr. Mamerto Urriolagoitia fugiu da Bolívia, consumando sua última arbitrariedade. Não renuncia em mãos do presidente do Congresso, como ordena a Constituição, mas entrega o poder de presente a um grupo de militares implicados em todas as violências e peculatos, todos membros do partido oficialista, PURS (*Folha da Manhã*, São Paulo, 17/05/1951. p. 01).

O golpe militar após as eleições de 1951 foi uma arriscada aposta dos militares no intuito de contornar a crise que se arrastava desde o final da década anterior. A repressão desencadeada pelos militares não foi suficiente para sufocar os grupos oposicionistas. Segundo o historiador Herbert Klein:

O novo governo anulou imediatamente as eleições e colocou o MNR fora de lei como organização comunista, a nova retórica refletia o desenvolvimento da ideologia da Guerra Fria no contexto internacional. Mas só os Republicanos e um pequeno partido fascista de direita e pró-clerical, a *Falange Socialista Boliviana*, estavam dispostos a apoiar os militares. Mesmo generais se deram conta do resultado inevitável da luta o que se avizinhava e, nesse momento crítico do conflito, muitos oficiais importantes assumiram cargos diplomáticos no exterior. Ficou evidente para todos os observadores que o MNR deveria tentar então assumir, pela força, o que lhe fora negado nas urnas. Sem nunca ter relutado em usar a violência, o MNR assumiu uma oposição total aos militares, convencido de que apenas uma política de guerra civil lhe daria acesso ao governo (KLEIN, 2016, p. 273).

A BOLÍVIA E O PERIGO DO COMUNISMO: A NACIONALIZAÇÃO DAS MINAS DE ESTANHO

Uma das medidas mais importantes no caminho da nacionalização das riquezas nacionais foi a estatização das minas de estanho, principal produto exportador do país e maior gerador de divisas para a economia. Na mídia periódica brasileira, a estatização das minas de estanho recebeu destaque e obteve coberturas variadas:

Contra o comunismo o governo boliviano

O embaixador [Nestor Cevallos] Tovar, que iniciou suas palavras com uma saudação à imprensa, afirmou em seguida, que a nacionalização não era um ato contra o capitalismo. '*Ao contrário* – acentuou – *A Bolívia gostaria até que o Brasil, por exemplo, mandasse capitais para lá*'.

O novo representante boliviano declarou, ainda, que a liberdade de imprensa será garantida em seu país; haverá eleições para o novo Congresso, em princípios do ano próximo; a Corte Suprema de Justiça reconheceu como legal e, portanto, constitucional, a eleição do senhor Paz Estenssoro. '*O governo do meu país* – afirmou – *é completamente contra o comunismo* (*O Globo*, Rio de Janeiro. 01/11/1952. p. 01 e 06).

A cobertura do jornal *O Estado de São Paulo* sobre o evento também destaca a nacionalização e os compromissos do governo boliviano em indenizações, ressalta ainda que em discurso aos povos americanos, Paz Estenssoro defende a estatização e salienta que

Durante meio século fomos vítimas da exploração impiedosa das empresas de mineração. A riqueza boliviana foi exportada para o estrangeiro (...). Os poderes públicos, o exército e a imprensa foram postos à serviço das empresas mineiras por meio do suborno e da intimidação. (...) A vitória de abril não teria sentido se não nacionalizássemos as minas. (*O Estado de São Paulo*, São Paulo. 01/11/1952. p. 01).

O jornal *Folha da Manhã* aponta que os operários das minas controlarão a produção mineral. A matéria publica a maior parte do decreto de nacionalização e insere o pronunciamento do ministro das Minas, Juan Lechín, importante líder mineiro que compunha os quadros do MNR:

Também falou o ministro das Minas, o sr. Juan Lechín que expressou que o sangue vertido no curso de muitos massacres, não derramou em vão, porque agora a Bolívia recobra o seu destino ao recobrar as suas riquezas. Acrescentou que, depois das nacionalizações das minas, o governo realizará a reforma agrária e adotará outras providências importantes” (*Folha da Manhã*, São Paulo. 01/11/1952. p. 06).

A cobertura do jornal *Correio da Manhã* destaca a inconstitucionalidade da medida de nacionalização a partir da visão dos empresários de estanho. Segundo a matéria, o presidente Victor Estenssoro proclamou seu discurso “*fustigando os proprietários das minas e os governos títeres que foram manejados por aqueles e deixaram o país à beira da bancarrota econômica, depois de desenvolverem uma política anti-humana e antiboliviana*” (*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02/11/1952. p. 01). Tal matéria dá especial atenção para a visão dos antigos proprietários das minas ora nacionalizadas e reflete ainda nas palavras do embaixador em Washington, que o governo estava fazendo esforços para não ser rotulado nem de “bolchevista”, nem de “fascista”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revolução Nacional Boliviana de 1952 foi um dos eventos fundamentais na história do país andino no século XX. Diversas modificações estruturais foram implementadas pelo governo revolucionário, atendendo a pressões e demandas oriundas

de setores nacionalistas, operários e camponeses. A efetivação de medidas como a reforma agrária e o voto universal, que incluíam pela primeira vez na história da Bolívia, os descendentes dos povos indígenas, além da nacionalização das minas de estanho, podem ser considerados avanços, entretanto, fazem parte de um processo muito mais amplo de lutas, revoltas e instabilidade política, abrangendo a piora das condições econômicas, as péssimas condições de trabalho dos operários das minas de estanho e a democratização do Estado e do poder decisório.

A intenção desse texto foi observar os acontecimentos sociais, políticos e econômicos ocorridos na Bolívia em momentos de especial inquietação a partir do final da década de 1940 e nos primeiros anos da década de 1950 a partir das lentes da imprensa escrita brasileira e a repercussão de alguns eventos nas páginas de periódicos nacionais. Ao levantar na imprensa brasileira as repercussões de medidas tomadas pelo governo boliviano em assuntos econômicos, verificamos que a disputa pelo controle dos minerais estratégicos, as disputas eleitorais e viradas de mesa com a entrada em cena de setores militares golpeando a frágil democracia do país e ainda a disputa ideológica para a conformação de um bloco que deveria ser visto como “inimigos da nação”, “agitadores” e “subversivos”, chamados genericamente de “comunistas” e “revolucionários” (ainda que este último fosse empregado às forças de matriz nacionalista que se insurgiram contra o governo militar) pelos jornais pesquisados.

A cobertura midiática reforça a ideia de que setores ligados às mobilizações pregavam a instabilidade e a luta de classes devendo, portanto, serem evitados e mesmo expurgado da cena política. Tais debates foram percebidos em uma conjuntura de maior polarização estampada nas páginas das publicações como parte da disputa entre blocos hegemônicos e politicamente distintos que geravam tensões mundo afora. Assim, as medidas de cunho nacionalista tomadas pelos governos bolivianos antes e depois de 1952, algumas vezes eram identificadas a partir de aproximações com setores “perigosos” (na visão dos jornais) como o *peronismo* argentino e o comunismo internacional.

Não obstante, ao assumirem bandeiras muitas vezes empunhadas pelos setores progressistas, lideranças mais próximas do nacionalismo militar do que o programa saído das mobilizações operárias e camponesas, comprometeram-se com projetos que desagradariam parte de sua base de sustentação original, sofrendo assim críticas por parte da imprensa nacional. Matérias com as opiniões dos setores proprietários e seus vínculos internacionais tiveram espaço nas páginas dos periódicos de forma desigual com

aquelas vozes que defendiam as medidas tomadas pelo governo. Fica claro pelas reportagens que medidas que possam colocar sob controle de governos – mesmo aqueles que não representassem graves perigos para a manutenção da ordem – riquezas minerais nacionais, não eram bem aceitas pela imprensa e levariam o caos econômico para o cotidiano.

O caso da disputa acerca dos preços internacionais do estanho boliviano ilustra essa tomada de posição da imprensa nacional ao lado dos proprietários das minas e dos agentes internacionais do mercado desse produto. A conjuntura aberta pelos embates entre EUA e Bolívia em relação ao preço do mineral, tinha como pano de fundo o aumento de seu consumo derivado do apoio militar estadunidense na Guerra da Coreia. Com as flutuações decorrentes do conflito bélico, os preços do estanho a níveis internacionais sofreram aumentos consideráveis. Os governos bolivianos, mesmo sendo analisado em breve intervalo de tempo, tentaram fazer pressões mais ou menos eficientes nas negociações junto ao governo dos EUA, respondendo assim, aos interesses comerciais dos donos das minas de estanho na Bolívia. A nacionalização levada a cabo pelo governo do MNR em novembro de 1952, foi fruto da pressão exercida pelos setores dos trabalhadores mineiros organizados que, desde 1946, discutiam a relevância do controle estatal da principal riqueza do país. Os debates acerca das medidas de estatização aparecem nas páginas dos jornais, na maior parte das vezes, como medidas que prejudicariam o comércio do país. Ainda que houvesse muita polêmica acerca das indenizações a serem feitas pelo governo aos antigos proprietários, os jornais brasileiros veicularam mais opiniões que levantavam dúvidas em relação ao processo do que expressaram apoio.

As inquietações políticas na Bolívia abordadas ao longo do texto manifestam o viés ideológico da cobertura midiática ao assumir quase de maneira acrítica aquilo que é repassado pelas agências internacionais. O movimento pendular na orientação das notícias e as dificuldades de se caracterizar grupos revoltosos com maior precisão, validam aproximações ideológicas nem sempre válidas feitas pelos veículos noticiosos. Assim, elementos associados ao MNR foram reportados ora como “comunistas”, ora como “fascistas”, corroborando a ideia de uma compreensão equivocada acerca dos propósitos desse agrupamento, muito mais próximo de ideais nacionalistas do que de ideologias igualitárias ou ditatoriais e totalitárias. Poucos veículos, no entanto, dentre aqueles pesquisados, fizeram a correta caracterização dos militares que ascendem ao poder após 1951 como elementos que não acatam as regras constitucionais e preferem perpetrar um

golpe de estado a seguir as regras eleitorais e delegar o poder de escolha para o Parlamento.

Como visto ao longo do texto, ao pesquisarmos como a mídia impressa relatou momentos críticos para a sociedade boliviana, pretendemos trazer à tona momentos onde a atuação dos órgãos de imprensa com o intuito de levar informação aos seus leitores, reverbera concepções de mundo particulares das classes dominantes, legitimando assim suas perspectivas e seu projeto político como fatores universais e legítimos, não deixando que alternativas divergentes possam operar o discurso simbólico tão bem manejado por seus representantes nas empresas de comunicação.

REFERÊNCIAS

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1950 a 1952. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-manha/089842>. Acesso em: 15/10/2022.

Folha da Manhã. São Paulo, 1950 a 1952. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 20/09/2022.

O Estado de São Paulo. São Paulo, 1949 a 1952. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/>. Acesso em: 10/10/2022.

O Globo. Rio de Janeiro, 1949 a 1952. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 25/09/2022.

ANDRADE, E. D. O. **A Revolução Boliviana**. São Paulo: UNESP, 2007.

AQUINO, M. A. **Censura, imprensa, Estado autoritário (1968-1978)**. Bauru: Edusc, 1999.

BETHELL, L. **História da América Latina. 9, A América Latina após 1930: México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas**. Tradução Geraldo Gerson De Souza. São Paulo: Edusp, 2015.

BETHELL, L.; ROXBOROUGH, I. **A América Latina entre a segunda guerra mundial e a guerra fria**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CAPELATO, M. H. R. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CARNEIRO, M. L. T.; KOSSOY, B. **A imprensa confiscada pelo DEOPS (1924-1954)**. São Paulo: Ateliê/Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 2003.

DUNKERLEY, J. **Rebelión en las venas: la lucha política en Bolivia, 1952-1982**. La Paz: Vicepresidencia del Estado, Presidencia de la Asamblea Legislativa Plurinacional, Bolivia, 2017.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

KLEIN, H. S. **História da Bolívia**. Tradução de Tania Quintaneiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

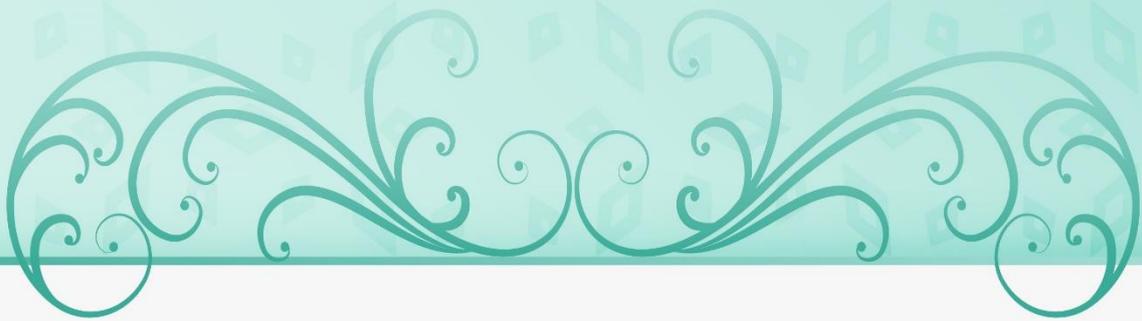
KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. 2^a. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

KUSHNIR, B. **Cães de guarda: jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo, 2004.

LORA, G. **Historia del Movimiento Obrero Boliviano Tomo IV (1933-1952)**. La Paz: Los Amigos del Libro, [s.d.]

LUCA, T. R. D. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

STEINBERGER, M. B. **Discursos Geopolíticos da Mídia**. São Paulo: Cortez/EDUC/Fapesp, 2005.



Autores





Autores

Alex Conceição Vasconcelos da Silva

Doutor em História Política (PPGH/UERJ), alexconceicao2004@gmail.com

Alexandre Elias da Silva

Professor de História do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé (IFF Macaé), Mestre em História (UFF), doutorando em História (UERJ).

E-mail: aeliasiff@gmail.com

Charlene de Souza Oliveira

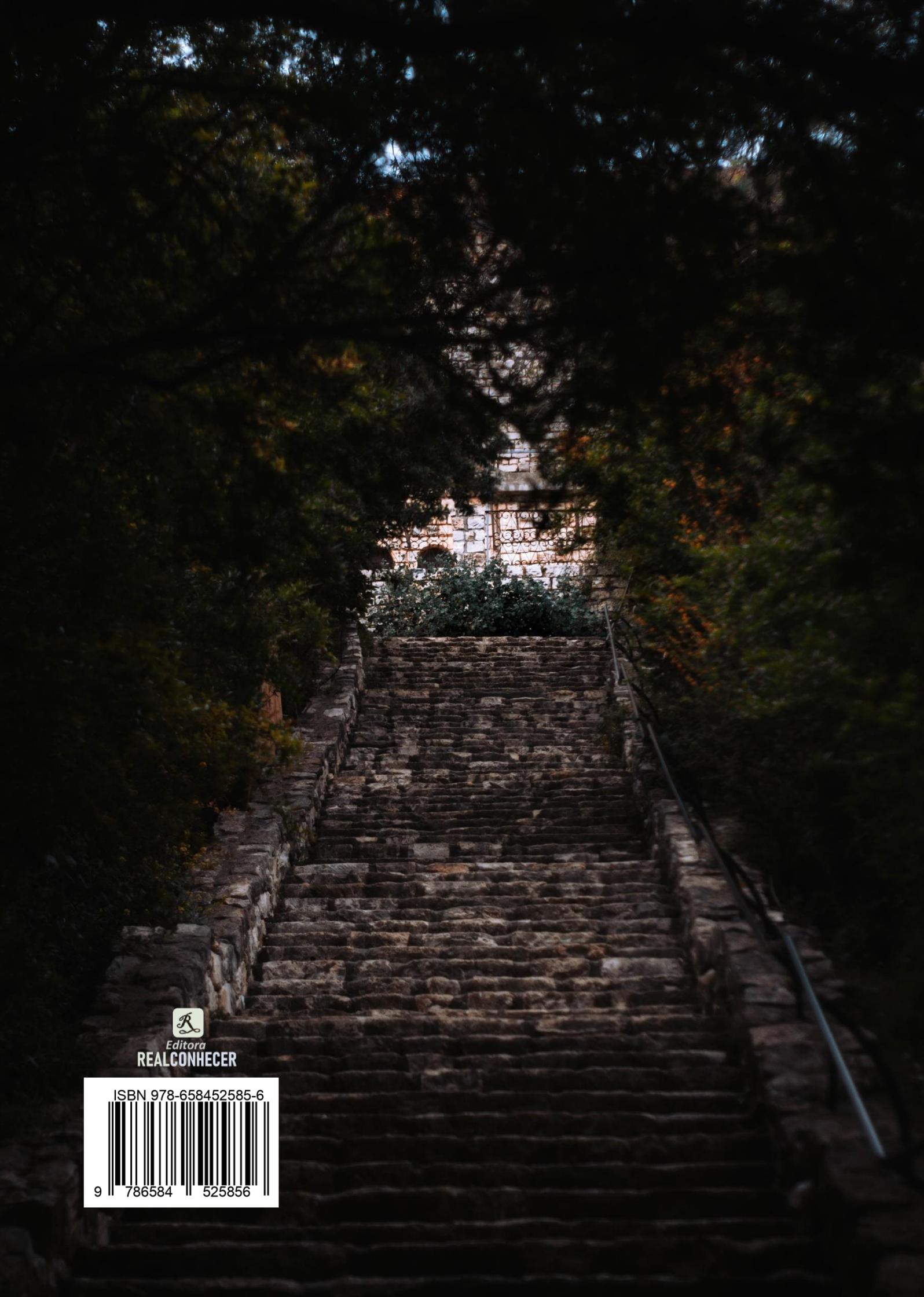
Professora de História do quadro efetivo municipal em Canhotinho-PE e Angelim-PE, Especialista em História de Pernambuco (UPE) e Especialista em Direito Penal e Processo Penal (AESGA), cha_oliveira@hotmail.com.

Fabiana Maria S. S. Vilar Alvez

Professora da Autarquia do Ensino Superior de Garanhuns (AESGA), Especialista em Direito Público (ESMAPE) e Especialista Educação (ULP), fabianavilar@aesga.edu.br.

Guilherme Esteves Galvão Lopes

Doutor em História, Política e Bens Culturais (CPDOC/FGV), pesquisador do LEPPem/UFRRJ, guilhermegalvaolopes@gmail.com



Editora
REALCONHECER

ISBN 978-658452585-6



9

786584

525856